

A cobra-de-duas-cabeças na percepção dos moradores do povoado de Itatiaia, Minas Gerais

Michelle Barbosa Mateus^{1*}

Lorena Cristina Lana Pinto¹

Mário Ribeiro de Moura²

Maria Rita Silvério Pires¹

¹Departamento de Evolução, Biodiversidade e Meio Ambiente
Universidade Federal de Ouro Preto, Campus Morro do Cruzeiro
CEP 35400-000, Ouro Preto, MG – Brasil

²Museu de Zoologia João Moojen, Vila Gianetti 32
Universidade Federal de Viçosa, CEP 36570-000, Viçosa, MG – Brasil

*Autor para correspondência
barbosa.michelle@gmail.com

Submetido em 30/03/2011
Aceito para publicação em 12/06/2011

Resumo

Os anfisbenídeos são répteis Squamata de hábito fossorial, conhecidos popularmente como cobras-de-duas-cabeças. São animais pouco conhecidos no meio urbano, embora sejam presentes no cotidiano da população rural. Com o objetivo de registrar o conhecimento popular, bem como as crenças relativas a estes animais, desenvolveu-se um estudo etnobiológico no povoado de Itatiaia, Minas Gerais. Aspectos ecológicos e biológicos dos anfisbenídeos foram abordados em entrevistas semi-estruturadas aplicadas a 48 moradores do povoado, entre os meses de abril e novembro de 2009. Foram entrevistados apenas os indivíduos que permitiram acesso aos seus conhecimentos e crenças. Os dados foram analisados segundo o modelo de união das diversas competências individuais. De acordo com o número de moradores que foram entrevistados, é possível afirmar que a população classifica os anfisbenídeos como serpentes, os consideram como animais perigosos, favorecendo sua morte sempre que encontrados. A etnozoologia pode ser utilizada como uma importante ferramenta para se obter informações sobre os anfisbenídeos e, se associada a atividades educativas, pode também contribuir para a conservação destes animais.

Palavras-chave: Anfisbenas, Cobra-de-duas-cabeças, Conhecimento popular, Etnoherpetologia

Abstract

The two-headed snake in the view of the inhabitants of Itatiaia village, Minas Gerais, Brazil. Amphisbaenids are fossorial Squamate reptiles popularly known as two-headed snakes. They are animals poorly known in urban areas, although being present in the daily life of the rural population. Aiming to document the folk knowledge, as well as the superstitions with regard to these animals, this ethnobiological study was developed in Itatiaia village, Minas Gerais, Brazil. Between April and November 2009, ecological and biological aspects of amphisbaenids were approached through interviews with 48 villagers. Only the individuals who allowed the access to their knowledge and beliefs were interviewed. Data were analyzed using the union model of several

individual competences. According to the number of inhabitants who were interviewed, it is possible to say that the population classifies amphisbaenids as snakes, considering them dangerous animals, thus favoring their death whenever they are found. The ethnozoology can be used as an important tool for obtaining information about amphisbaenids and, if combined to educational activities, it may also contribute to the conservation of these animals.

Key words: Amphisbaenians, Ethnoherpetology, Folk knowledge, Two-headed snake

Introdução

O nome popular “cobra-de-duas-cabeças” é atribuído aos anfisbenídeos pelo fato de apresentarem a cabeça e a cauda semelhantes morfologicamente, correspondendo a uma adaptação ao hábito escavador e à vida subterrânea (POUGH et al., 2003). Os anfisbenídeos são répteis Squamata distribuídos, principalmente, pela América Latina e África (MACEY et al., 2004; VIDAL et al., 2007). Devido principalmente a seu hábito fossorial, os anfisbenídeos são dificilmente amostrados (RODRIGUES, 2005), sendo considerados um dos grupos menos estudados dentre os Squamata (KEARNEY, 2003).

No Brasil, são registradas 67 das 175 espécies conhecidas de Amphisbaenidae (BÉRNILS, 2010). No estado de Minas Gerais ocorrem 13 espécies dessa família (BÉRNILS et al., 2009), e na região do presente estudo, são registradas duas espécies: *Amphisbaena polystega* (DUMÉRIL, 1851) e *Amphisbaena alba* (Linnaeus, 1758), sendo que *A. Alba* parece ser mais conhecida, pois ocorre em maior número de exemplares na coleção herpetológica do Laboratório de Zoologia dos Vertebrados da Universidade Federal de Ouro Preto.

Os répteis e as sociedades humanas interagem há milênios, seja pela matéria prima fornecida pela pele e ossos, fins mágico-religioso (ALVES; PEREIRA-FILHO, 2007; ALVES et al., 2008; SANTOS-FITA et al., 2010; ALVES; ALVES, 2011) ou ainda, de acordo com a cultura humana, por representarem perigo à saúde ou por serem vistos como seres malignos (ALVES et al., 2009).

Segundo Gibbons et al. (2000), as espécies de répteis vêm sendo reduzidas a uma escala global, e os principais fatores que levam a este declínio incluem a alteração e destruição do habitat, introdução de espécies exóticas, poluição do ambiente e usos insustentáveis do recurso. Nesse contexto, a investigação

do conhecimento zoológico das populações humanas sobre os répteis é fundamental no sentido de se obter informações relevantes que sirvam de subsídios para a conservação dos mesmos junto às comunidades locais (ALVES; ROSA, 2005, BARBOZA et al., 2007). O conhecimento das comunidades tradicionais, em sua maioria, é transmitido ao longo das gerações por meio da oralidade, sendo esta considerada um veículo importante para a difusão da informação biológica (POSEY, 1987 apud COSTA-NETO, 2004). Considerando que os anfisbenídeos são animais pouco estudados, pode-se esperar que o conhecimento tradicional complemente e amplie o conhecimento acadêmico.

A etnozoologia é a ciência que estuda o conhecimento e os processos de interações da sociedade humana com sua fauna local (COSTA NETO, 2000; BEGOSSI et al., 2002). Nesse sentido, a etnoherpetologia é um ramo específico da etnozoologia que investiga a relação entre uma determinada sociedade humana e a fauna de anfíbios e répteis (BARBOSA et al., 2007).

O conhecimento ecológico tradicional deve ser levado em consideração pelo meio científico quando se pretende investir em estratégias de manejo e conservação de espécies animais (COSTA-NETO, 2000). Além disso, particularmente para os anfisbenídeos, a dificuldade de observação e captura faz da etnozoologia uma valiosa ferramenta para a obtenção de informações ecológicas, podendo auxiliar, também, na conservação destes animais.

Recentemente foi criada na área do presente estudo uma Unidade de Conservação pelo Instituto Estadual de Florestas de Minas Gerais, nas categorias Parque Estadual e Monumento Natural. O povoado de Itatiaia encontra-se no entorno deste Parque, e, nesse sentido, estudos etnozoológicos são relevantes para o delineamento de estratégias de conservação da fauna.

A deficiência de conhecimento sobre determinadas espécies animais pode muitas vezes impulsionar a morte indiscriminada destas (POUGH et al., 2001, BARBOSA et al., 2007). Tal situação é mais alarmante entre os animais popularmente considerados perigosos, a exemplo dos *Amphisbaenia* (popularmente conhecidos como “cobra-de-duas-cabeças”), os quais são geralmente confundidos com serpentes, e mortos em razão da antipatia e do medo que despertam nas pessoas (RODRIGUES, 2005; BAPTISTA et al., 2008).

O presente trabalho constitui um estudo etnobiológico relativo aos anfisbenídeos a fim de registrar o conhecimento local, discutindo os sentimentos e comportamentos de moradores de um povoado tradicional em relação a estes animais, além de contrapor o conhecimento tradicional ao conhecimento científico.

Material e Métodos

Área de estudo

Itatiaia é um povoado pequeno que constitui um bairro rural de Ouro Branco, distante 10km da sede do município e 18km de Ouro Preto, no quadrilátero ferrífero de Minas Gerais. Sua população é composta principalmente por aposentados, a maioria dos jovens deixa o local para estudar e trabalhar em cidades maiores. A maioria da população é nativa do lugar, estando no povoado por muitas gerações (Figueiredo, dados não publicados).

A região está localizada no extremo sul do complexo serrano do Espinhaço (SILVA et al., 2005). A Serra do Espinhaço, em 2005, foi reconhecida como reserva da Biosfera, devido à biodiversidade encontrada no local, incluindo espécies endêmicas da fauna e da flora e por apresentar, também, uma das maiores formações de campo rupestre do Brasil (UNESCO, 2005). O povoado de Itatiaia está inserido em uma “Área de Importância Biológica Especial” para a conservação de répteis em Minas Gerais (DRUMMOND et al., 2005).

Levantamento de dados

O levantamento de dados foi realizado entre os meses de abril e novembro de 2009, através de

entrevistas semiestruturadas baseadas em uma lista de tópicos previamente escolhidos (COTTON, 1996), aplicadas a 48 moradores do povoado de Itatiaia. Os dados foram coletados de forma não probabilística por conveniência, ou seja, apenas os indivíduos que permitiram acesso aos seus conhecimentos e crenças foram entrevistados (SOUZA, 2007).

Os pesquisadores se identificavam como universitários e pediam permissão para realizar a entrevista, que cobria diversos aspectos da biologia e ecologia do animal. As respostas dos entrevistados em relação às questões subjetivas foram agrupadas em categorias predefinidas, visando comparações posteriores.

Quanto à etnotaxonomia, os anfisbenídeos foram classificados como: serpente, lagarto ou outros. A periculosidade conferida a estes animais foi verificada através da resposta de afirmação ou negação ao fato do entrevistado considerar todas as cobras-de-duas-cabeças como perigosas.

As entrevistas semiestruturadas possibilitaram maior riqueza de dados obtidos, já que os entrevistados puderam falar livremente acerca do que era proposto nos tópicos.

Os tópicos propostos foram: descrição do animal por parte dos entrevistados, classificação (cobra, lagarto ou outro), motivo pelo qual estes animais são denominados de cobra-de-duas-cabeças, associação destes animais com algum perigo e o motivo deste.

Em seguida, foi utilizada a técnica do teste projetivo (COSTA-NETO, 2003), a qual consistiu na apresentação de um espécime fixado de *Amphisbaena alba* da própria região, ao entrevistado. Após a aplicação do teste projetivo, com intuito de confirmar se pesquisador e entrevistado referiam-se ao mesmo animal, foram levantadas questões acerca dos locais e épocas do ano em que esses animais são mais encontrados, além dos mitos, crenças e outros nomes atribuídos.

Os dados foram analisados segundo o modelo de união das diversas competências individuais (HAYS, 1976, apud MARQUES, 1991), onde tudo o que os informantes dizem sobre o objeto de estudo são levados em consideração. Partes das informações obtidas

foram analisadas qualitativamente por meio de tabelas de cognição comparada, que consiste em comparar o conhecimento tradicional ao existente na literatura (MARQUES, 1995).

Resultados

A idade dos 48 entrevistados variou entre 18 a 89 anos. Foram entrevistados 27 mulheres e 21 homens. Dos homens, 81% (n = 17) afirmaram conhecer a cobra-de-duas-cabeças, e, 85,2% (n = 23) das mulheres afirmaram o mesmo. Portanto, não foi verificada diferenças entre homens e mulheres quanto ao conhecimento acerca do animal. Entre os cinco entrevistados que não conheciam os anfisbenídeos, três possuíam menos de 30 anos de idade. Outros seis entrevistados nesta mesma faixa etária não haviam visto uma cobra-de-duas-cabeças, embora já tivessem ouvido falar. Apenas dois entrevistados com idade inferior a 30 anos já conheciam os anfisbenídeos através de observações pessoais.

Com o teste projetivo foi constatado que a maioria dos entrevistados conhecia a cobra-de-duas-cabeças, no entanto três pessoas que conheciam o animal através de relatos de terceiros não reconheceram o espécime mostrado, afirmando se tratar de uma “cobra-cega”, um “imbigão” ou “minhocuçu”.

Durante as entrevistas, foi relatada a crença de que quando alguém é mordido pela cobra-de-duas-cabeças, a ferida não cicatriza. Contudo, os jovens que afirmaram conhecer a cobra-de-duas-cabeças não citaram esta crença, sendo esta, portanto, mais difundida entre os mais velhos. Entre os entrevistados que responderam sobre como adquiriram os conhecimentos acerca das cobras-de-duas-cabeças, 34 (89,92%) afirmaram que estes foram transmitidos pelos pais ou avós; quatro (9,75%) informaram que aprenderam através de observações diretas e três (7,31%) entrevistados conheciam os anfisbenídeos apenas por relatos isolados de terceiros.

As características morfológicas utilizadas para descrever um anfisbenídeo foram distribuídas da seguinte forma: cor clara (n = 22; 39,29%), presença de duas cabeças (n = 13; 23,21%), tamanho aproximado de 50 cm (n = 8; 14,29%), pele grossa (n = 5; 8,93%).

Seis entrevistados (10,72%) não opinaram quanto à caracterização de um anfisbenídeo.

Dentre os 43 entrevistados que relataram conhecer os anfisbenídeos, a maioria (n = 27; 62,79%) afirmou que o nome comum “cobra-de-duas-cabeças” se deve à presença de duas cabeças no animal; 4,65% (n = 2) acreditam que o nome relaciona-se ao fato do animal parecer ter duas cabeças, e 2,32% (n = 1) sugeriram a capacidade do animal de locomover-se para ambos os sentidos. Os demais (n = 30; 30,23%) não opinaram sobre a origem do nome comum.

A maior parte dos entrevistados classificou os anfisbenídeos como cobra (n = 39; 90,60%). Outras classificações destes animais como minhoca, lagarto, réptil ou “sem opinião” receberam uma indicação cada (n = 1; 2,32%). Outros seis entrevistados (13,95%) indicaram nomes adicionais, como minhocuçu, imbigão, cobra-cega e cobra-da-terra em referência aos anfisbenídeos.

Quando questionados se os anfisbenídeos seriam animais perigosos, a maioria dos entrevistados afirmou que sim (n = 25; 58,14%), outros 15 (34,88%) disseram que não, e três pessoas (6,98%) não souberam ou não opinaram. Em um total de 29 citações, os motivos apresentados para a periculosidade dos anfisbenídeos, oito (27,58%) relacionaram-na à mordida, afirmando que esta é incurável, cinco relatos (17,24%) basearam-se no fato dos anfisbenídeos serem “cobras”, quatro relatos (13,79%) relacionaram-se a crença de que estes animais possuem duas bocas, três relatos (10,34%) à crença de que estes animais possuem capacidade de inocularem veneno. Aproximadamente um terço dos entrevistados (n = 5; 36%) não soube justificar o porquê da periculosidade associada aos anfisbenídeos.

As crenças associadas às cobras-de-duas-cabeças apontadas pelos moradores são apresentadas na tabela de cognição comparada (Tabela 1). A crença segundo a qual a mordida destes animais causa uma ferida incurável foi mencionada por nove entrevistados (20,93%), podendo ser considerada um mito local. Outras crenças puderam ser verificadas em frases ditas pelos moradores mencionadas na Tabela 1. Essas crenças foram analisadas, buscando-se obter uma comparação entre o conhecimento tradicional e a literatura.

TABELA 1: Tabela de cognição comparada entre frases ditas pelos moradores durante a entrevista e informações contidas na literatura.

Frases ditas pelos moradores	Informações da literatura
<p>“...movimenta a ponta do rabo e por isso o povo fala que morde pelo rabo...” (Dona M. G. G., 52 anos)</p> <p>“Ela é grossa e tem duas cabeça, uma de um lado, outra do outro lado. Quando sente ameaçada faz um arco juntando a cabeça com o rabo.” (Dona A., 86 anos)</p> <p>“Os antigo fala que é perigoso e tem boca dos dois lado.” (Dona L.O. 65 anos)</p>	<p>“Ao ser ameaçada, a espécie <i>Amphisbaena alba</i> espécie levanta ao mesmo tempo a cabeça e a cauda, mantendo a boca aberta numa posição de defesa.” (VALVERDE; FERREIRA, 2005)</p> <p>“Os anfisbenídeos tem a capacidade de se movimentarem para frente e para trás com a mesma facilidade.” (POUGH, 2003)</p>
<p>“Se ela mordê não tem cura... não sei, eles fala, mas é conversa, né?” (Sr P.E., 40 anos)</p> <p>“Ela morde mais não tem veneno.” (Sr G., 52 anos)</p>	<p>“Estes animais são totalmente desprovidos de veneno, embora possam causar ferimentos traumáticos importantes, pois mordem com muita força.” (PUORTO; FRANÇA, 2003)</p>
<p>Onde ela passa o chão vai rachando, dizem que é cega e que adivinha chuva.” (Dona A., 86 anos)</p> <p>“Dento da terra que incronta ela.” (Dona M.J.B., 89 anos)</p>	<p>“Durante a estação chuvosa as galerias tornam-se inundadas e esses animais emergem do substrato para a superfície com maior frequência.” (POUGH, 2003)</p> <p>“Estes animais apresentam muitas adaptações morfológicas ao estilo de vida fossorial, tais como os olhos vestigiais, escudos cefálicos fundidos, um crânio mais compacto, e um tronco com diâmetro semelhante em toda sua extensão.” (GANS, 1966, 1978 apud BERNARDO-SILVA et al., 2006)</p>
<p>“O pai falava que é mais pirigosa que as cobra que enrola. Ela sortia um leite pela boca, mas não ofende. O leite que é venenoso.” (Dona M.J.B., 89 anos)</p>	<p>Não foi encontrado na literatura.</p>

Aproximadamente metade dos entrevistados (n = 24; 48%) indicou a estação quente e/ou chuvosa como a época do ano de mais fácil encontro com anfisbenídeos. A estação fria e/ou seca foi apontada por 11 (22%) entrevistados, e outros 15 (30%) não souberam sobre a época mais propícia ao encontro com esses animais.

Discussão

A abordagem de moradores de faixas etárias diferentes permitiu registrar a transgeracionalidade dos conhecimentos etnoherpetológicos (COSTA-NETO et al., 2005). Os moradores descreveram os anfisbenídeos como animais de duas cabeças pela observação da postura defensiva que *Amphisbaena alba* adota, levantando do chão as duas extremidades quando se sentem ameaçadas, de forma que cabeça e cauda se assemelham (VALVERDE; FERREIRA, 2005).

Os anfisbenídeos apresentam, à primeira vista, a cauda e a cabeça muito similares, além disso, a cloaca

pode causar a impressão de ser outra boca, levando à crença de que estes animais são serpentes perigosas que podem morder de ambas as extremidades. De acordo com Hanazaki et al. (2009), algumas espécies animais são caçadas ou mortas quando representam algum risco para a população rural. Desta forma, animais como os anfisbenídeos podem ser mortos por serem visto como cobras e animais perigosos.

De acordo com o resultado do teste projetivo, a semelhança morfológica com a cobra-cega, um anfíbio ápode, ou com o minhocuçú, um anelídeo, explicaria a atribuição destes nomes às anfisbenas. Segundo Berlin et al. (1973), os critérios morfológicos são os mais utilizados na etnotaxonomia biológica.

Os nomes atribuídos às anfisbenas, além de cobra-de-duas-cabeças, citados pelos moradores – cobra-cega e cobra-da-terra – têm sentido quando analisada a morfologia e ecologia do animal. Pelo fato dos anfisbenídeos serem animais que vivem debaixo da terra, apresenta morfológicamente os olhos reduzidos

e recobertos por escamas, tornando-se ineficientes para a visão (BAPTISTA et al., 2008), sendo, desta forma, chamados de “cobra-cega”. Por ter o hábito de vida fossorial (GANS, 1971) são também denominados como “cobra-da-terra”.

A periculosidade atribuída às anfisbenas pela crendice apontada pelos moradores de que a mordida dessas não tem cura, é um fato que pode estar relacionado com a microbiota da cavidade oral destes animais, o que pode levar a uma demora na cicatrização da ferida. Estes animais são totalmente desprovidos de veneno, embora possam causar ferimentos traumáticos importantes, pois mordem com muita força (PUORTO; FRANÇA, 2003). Entretanto, não há registros na literatura que comprovem essa hipótese.

Quanto aos conhecimentos dos moradores acerca da época do ano em que os anfisbenídeos são mais avistados, as informações obtidas são condizentes com o observado na literatura específica para a maioria das espécies de anfisbenídeos no sudeste do Brasil (COLLI; ZAMBONI, 1999; ANDRADE et al., 2006).

As precipitações elevadas da estação quente e chuvosa propiciam a inundação das galerias subterrâneas onde estes animais vivem, levando-os a procurar a superfície do solo (COLLI; ZAMBONI, 1999), o que pode potencializar sua detecção por moradores da zona rural que, em sua maioria, lidam com atividades agrícolas e extrativistas.

Os habitantes de Itatiaia demonstram deter percepção e conhecimento acerca dos anfisbenídeos, conhecidos popularmente no local como “cobra-de-duas-cabeças”. Entretanto, são transmitidas entre os moradores diversas informações e credices que na maioria das vezes atribui conotação negativa a estes animais. Desta forma, embora seja um animal de difícil observação, devido ao seu modo de vida, o conhecimento dos moradores de Itatiaia acerca da cobra-de-duas-cabeças está relacionado à cultura local e apresenta uma conotação negativa, devendo, assim, ser estudado.

Muitas vezes, os moradores que trabalham e estão sempre em contato com o ambiente natural e, portanto, mais suscetíveis a encontros com os anfisbenídeos, podem matar estes animais indiscriminadamente, por

relacioná-los a cobras. Nesse sentido, investir em ações em educação ambiental no povoado de Itatiaia, a fim de levar informações sobre estes animais, pode ter reflexos na conservação de *Amphisbaena alba* e outros répteis no local.

Agradecimentos

Aos moradores de Itatiaia por dividirem conosco seus saberes; à Universidade Federal de Ouro Preto pela disponibilidade dos transportes para a realização do trabalho e aos amigos do Laboratório de Zoologia dos Vertebrados, pela parceria nas idas aos campos e pelo espécime de *Amphisbaena alba* cedido para o estudo.

Referências

- ALVES, R. R. N.; ALVES, H. N. The faunal drugstore: animal-based remedies used in traditional medicines in Latin America. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, London, v. 7, p. 9, 2011.
- ALVES, R. R. N.; NETO, N. A. L.; SANTANA, G. G.; VIEIRA, W. L. S.; ALMEIDA, W. O. Reptiles used for medicinal and magic religious purposes in Brazil. **Applied Herpetology**, Leiden, v. 6, p. 257-274, 2009.
- ALVES, R. R. N.; PEREIRA-FILHO, G. A. Comercialization and use of snakes in North and Northeastern Brazil: implications for conservation and management. **Biodiversity Conservation**, Madrid, v. 16, p. 969-985, 2007.
- ALVES, R. R. N.; ROSA, I. L. Why study the use of animal products in traditional medicines? **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, London, v. 1, p. 1-5, 2005.
- ALVES, R. R. N.; VIEIRA, W. L. S.; SANTANA, G. G. Reptiles use in traditional folk medicine: conservations implications. **Biodiversity and Conservation**, Madrid, v. 17, p. 2037-2049, 2008.
- ANDRADE, D. V.; NASCIMENTO, L. B.; ABE, A. S. Habits hidden underground: a review on the reproduction of the *Amphisbaena* with notes on four neotropical species. **Amphibia-Reptilia**, Leiden, v. 27, p. 207-217, 2006.
- BAPTISTA, G. C. S.; COSTA-NETO, E. M.; VALVERDE, M. C. C. Diálogo entre concepções prévias dos estudantes e conhecimento científico escolar: relações sobre os *Amphisbaena*. **Revista Iberoamericana de Educación**, Araraquara, v. 47, p. 1-16, 2008.
- BARBOSA, A. R.; NISHIDA, A. K.; COSTA, E. S.; CAZÉ, A. L. R. Abordagem etnoherpetológica de São José da Mata – Paraíba – Brasil. **Revista de Biologia e Ciências da Terra**, Campina Grande, v. 7, n. 2, p. 117-123, 2007.
- BARBOZA, R. R. D.; SOUTO, W. M. S.; MOURÃO, J. S. The use of zootherapeutics in folk veterinary medicine in the district of Cubati. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, London, v. 32, n. 3, p. 1-14, 2007.

- BEGOSSI, A.; HANAZAKI, N.; SILVANO, R. A. M. Ecologia humana, etnoecologia e conservação. In: AMOROZO, M. C. M.; MING, L. C.; SILVA, S. M. P. (Ed.). **Métodos de coleta e análise de dados em etnobiologia, etnoecologia e disciplinas correlatas**. Rio Claro: UNESP, 2002. Versão eletrônica.
- BERLIN, B.; BREEDLOVE, D. E.; RAVEN, P. H. General principals of classification and nomenclature in folk biology. **American Anthropologist**, Arlington, v. 75, p. 214-242, 1973.
- BERNARDO-SILVA, J. S.; VON-MÜHLEN, E. M.; DI-BERNARDO, M.; KETTERL, J. Feeding ecology in the small neotropical amphisbaenid *Amphisbaena munoai* (Amphisbaenidae) in southern Brazil. **Iheringia, Série Zoológica**, Porto Alegre, v. 96, n. 4, p. 487-489, 2006.
- BÉRNILS, R. S. 2010. **Brazilian Reptiles** – List of Species. Sociedade Brasileira de Herpetologia. Disponível em: <<http://www.sberpetologia.org.br/checklist/repteis.htm>>. Acesso em: 5 maio 2010.
- BÉRNILS, R. S., NOGUEIRA, C. C.; XAVIER-DA-SILVA, V. **Répteis**. In: DRUMMOND, G. M.; MARTINS, C. S.; GRECO, M. B.; VIEIRA, F. Biota Minas: Diagnóstico do Conhecimento sobre a Biodiversidade no Estado de Minas Gerais – Subsídio ao Programa BIOTA MINAS. Belo Horizonte: Fundação Biodiversitas, 2009. p. 251-278.
- COLLI, G. R., ZAMBONI, D. S. Ecology of the Worm-Lizard *Amphisbaena alba* in the Cerrado of Central Brazil. **Copeia**, Lawrence, v. 1999, n. 3, p. 733-742, 1999.
- COSTA-NETO, E. M. Conhecimento e usos tradicionais de recursos faunísticos por uma comunidade afro-brasileira – Resultados Preliminares. **Interciencia**, Caracas, v. 25, n. 9, p. 423-431, 2000.
- COSTA-NETO, E. M. **Etnoentomologia no povoado de Pedra Branca, município de Santa Terezinha, Bahia. Um estudo de caso das interações seres humanos/insetos**. 2003. 253 f. Tese (Doutorado em Ecologia e Recursos Naturais) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos. 2003.
- COSTA-NETO, E. M. Estudos etnoentomológicos no estado da Bahia, Brasil: uma homenagem aos 50 anos do campo de pesquisa. **Biotemas**, Florianópolis, v. 17, n. 1, p. 117-149, 2004.
- COSTA-NETO, E. M.; LAGO, A. P. A.; MARTINS, C. C.; JÚNIOR, P. B. O “louva-a-deus-de-cobra”, *Phibalosoma* sp. (INSECTA, Phasmida), segundo a percepção dos moradores de Pedra Branca, Santa Terezinha, Bahia, Brasil. **Sitientibus Série Ciências Biológicas**, Feira de Santana, v. 5, n. 1, p. 33-38, 2005.
- COTTON, C. M. **Ethnobotany: principles and applications**. England: Wiley, 1996. 428 p.
- DRUMMOND, G. M.; MARTINS, C. S.; MACHADO, A. B. M.; SEBAIO, F. A.; ANTONINI, Y. (Org.). 2. ed. Biodiversidade em Minas Gerais: um Atlas para a Conservação. Belo Horizonte: Fundação Biodiversitas, 2005. 222 p.
- GANS, C. Studies on amphisbaenians (Amphisbaenia, Reptilia). 1971. A review of the amphisbaenid genus *Leposternon*. **Bulletin of the American Museum of Natural History**, New York, v. 144, n. 6, p. 379-464, 1971.
- GIBBONS, J. W.; SCOTT, D. E.; RYAN, T. J.; BUHLMANN, K. A.; TUBERVILLE, T. D.; METTS, B. S.; GREENE, J. L.; MILLS, T.; LEIDEN, Y.; POPPY, S.; WINNE, C. The global decline of reptiles, de´ ja´ vu amphibians. **BioScience**, Berkeley, v. 50, n. 8, p. 653-666, 2000.
- HANAZAKI, N.; ALVES, R. N.; BEGOSSI, A. Hunting and use of terrestrial fauna used by Caiçaras from the Atlantic Forest coast (Brazil). **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, London, v. 5, n. 36, p. 1-8, 2009.
- KEARNEY, M. Systematics of the Amphisbaenia (Lepidosauria: Squamata) based on morphological evidence from recent and fossil forms. **Herpetological Monographs**, Lawrence, v. 17, p. 1-74, 2003.
- MACEY, J. R.; PAPPENFUSS, T. J.; KUEHL, J. V.; FOURCADE, H. M.; BOORE, J. L. Phylogenetic relationships among amphisbaenian reptiles based on complete mitochondrial genomic sequences. **Molecular Phylogenetics and Evolution**, New York, v. 33, p. 22-31. 2004.
- MARQUES, J. G. W. **Aspectos ecológicos na etnoictiologia dos pescadores do Complexo Estuarinologunar Mundaú-Manguaba**. 1991. 292 f. Tese (Doutorado em Ecologia) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1991.
- MARQUES, J. G. W. **Pescando pescadores: etnoecologia abrangente no Baixo São Francisco alagoano**. São Paulo: NUPAUB, Universidade de São Paulo, 1995. 258 p.
- POUGH, F. H.; ANDREWS, R. M.; CADLE, J. E.; CRUMP, M. L.; SAVITZKY, A. H.; WELLS, K. D. **Herpetology**. New Jersey: Prentice Hall, 2001. 612 p.
- POUGH, F. H.; JANIS, C. M.; HEISER, J. B. **A Vida dos Vertebrados**. 3. ed. São Paulo: Atheneu, 2003. 699 p.
- PUORTO, G.; FRANÇA, F. O. S. **Serpentes Não-Peçonhentas e Aspectos Clínicos dos Acidentes**. In: CARDOSO, J. L. C.; FRANÇA, F. O. S.; WEN, F. H.; MALAQUE, C. M. S.; HADDAD-JR, V. Animais Peçonhentos no Brasil: Biologia Clínica e Terapêutica dos Acidentes. São Paulo: FAPESP Ed Sarvier, 2003. p. 108-114.
- RODRIGUES, M. T. The Conservation of Brazilian Reptiles: Challenges for a Megadiverse Country. **Conservation Biology**, San Francisco, v. 19, n. 3, p. 659-664, 2005.
- SANTOS-FITA, D.; COSTA-NETO, E. M.; SCHIAVETTI, A. ‘Offensive’ snakes: cultural beliefs and practices related to snakebites in a Brazilian rural settlement. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, London, v. 6, p. 13, 2010.
- SILVA, A. C.; SÁ FORTES, L. C. V. P.; ALMEIDA-ABREU, P. A. **Serra do Espinhaço Meridional: paisagens e ambientes**. Belo Horizonte: O Lutador, 2005. 272 p.
- SOUZA, J. H. **Os aracnídeos (Arachnida: Araneae, Scorpiones) na comunidade quilombola de Mesquita, Goiás: um estudo de caso sobre etnobiologia**. 2007. 114 f. Dissertação (Mestrado em Biologia Animal) – Universidade de Brasília, Brasília, 2007.
- UNESCO. **Decreto de Criação da Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço**. Disponível em: <<http://rbse-unesco.blogspot.com/>>. Acesso em: 1 mar. 2011.
- VALVERDE, M. C. C.; FERREIRA, D. J. **Nem cobra, nem duas cabeças: quem sou eu? Uma abordagem sobre os Amphisbaenia**. Feira de Santana: Grafnort, 2005. 14 p.
- VIDAL, N.; AZVOLINSKY, A.; CRUAUD, C.; HEDGES, S. B. Origin of tropical American burrowing reptiles by transatlantic rafting. **Biology Letters**, London, v. 4, n. 1, p. 115-118, 2007.